

A REPRESENTAÇÃO SIMBOLICA DO PROFANO E DO SAGRADO, NA ANÁLISE DA OBRA MADAME BOVARY, DE FLAUBERT

Joanire de Souza Pinto¹
Daniel Conte²
Jéssica Mais Antunes³
Rosemari Lorenz Martins⁴

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o movimento das ações da protagonista Emma, sobre o eixo de sua realidade religiosa, sob a qual se sucede uma série de atitudes ditas sagradas ou profanas e sua representação simbólica na obra Madame Bovary de Gustave Flaubert. O estudo é de cunho bibliográfico, vale-se de pesquisas como a do filósofo Gilles Lipovestsky (2005), Mircea Eliade (1986). Quanto aos resultados, vale ressaltar a forte influência da Igreja na decisão do papel da mulher na sociedade desta época e constata-se que as atitudes de Emma Bovary trazem consigo valores, vivências e experiências religiosas, além de ser moldado pelo seu comportamento em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do sujeito religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado.

Palavras-chave: Dessacralização. Experiência religiosa. França. Fato religioso. Romance.

THE SYMBOLIC REPRESENTATION OF THE PROFANE AND THE SACRED, IN THE ANALYSIS OF THE WORK MADAME BOVARY, BY FLAUBERT

ABSTRACT

This article aims to analyze the movement of the protagonist Emma's actions, on the axis of her religious reality, under which a series of so-called sacred or profane attitudes and their symbolic representation in Gustave Flaubert's Madame Bovary follow. The study is bibliographic in nature, it draws on research such as that of the philosopher Gilles Lipovestsky (2005), Mircea Eliade (1986). As for the results, it is worth mentioning the strong influence of the Church in deciding the role of women in society at this time and it appears that Emma Bovary's attitudes bring with them values, experiences and religious experiences, in addition to being shaped by her behavior in all areas. plans of its existence, but it is evident in the religious subject's desire to move only in a sanctified world, that is, in a sacred space.

Keywords: Desacralization. Religious experience. France. Religious fact. Romance.

¹ Graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Feevale. Email para contato: jehantunes31@gmail.com

² Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africana e mestre em Literatura Comparada Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais (PPGPRO) da Universidade Feevale. Professor no Programa de Mestrado Profissional em Indústria Criativa. Email para contato: jehantunes31@gmail.com

³ Doutoranda do curso de Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Mestra em Letras. Email para contato: jehantunes31@gmail.com

⁴ Doutora em Letras. Coordenadora do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e professora do curso de Letras da Universidade Feevale. Email para contato: rosel@feevale.br

INTRODUÇÃO

Para cada palavra que compõe *Madame Bovary*, certamente houve e haverá muitas outras, enunciadas e escritas, publicadas sobre a obra, se levarmos em conta a vida de Flaubert sujeito-comunicante-cidadão e sujeito-comunicante-autor, considerado por muitos um dos maiores escritores de todos os tempos e pai da estética realista literária, sendo uma obra conhecida e caracterizada como um “[...] romance contra o romantismo” (WINTER, 2009, p. 194). Por isso, nas páginas deste artigo, faremos o contato direto com a obra, a fim de evidenciar como a protagonista relaciona-se com o sagrado e o profano e verificar os sentidos instituídos na narrativa, do ponto de vista da literatura, dialogando com os conceitos teóricos sobre a dualidade do sagrado/profano e as vivências da protagonista Emma.

Assim, o objetivo proposto deste artigo é analisar o movimento das ações da protagonista Emma, sobre o eixo de sua realidade religiosa, sob a qual se sucede uma série de atitudes ditas sagradas ou profanas e sua representação simbólica na obra *Madame Bovary* de Gustave Flaubert.

A metodologia adotada é de cunho bibliográfico realizada “[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” (FONSECA, 2002, p. 32), sendo realizada através de uma pesquisa qualitativa, pois ocupa-se do campo das significações, crenças, valores, etc., conforme Minayo (2001).

Para a consecução dos nossos objetivos e tendo em vista nosso direcionamento metodológico, que tenciona colocar em destaque as evidências do profano e do sagrado, achamos por bem dividir este artigo em duas partes. Iniciamos com uma breve análise da obra e apresentação de um quadro que evidencia a representação do sagrado e profano em alguns traços da personagem Ema, porque ela é de suma importância para a composição de toda narrativa.

Na sequência, passamos a grifar partes da obra que busquem exemplificar e/ou responder à pergunta norteadora deste trabalho: de que maneira a relação entre o sagrado e o profano evidencia-se e institui significados na obra de Gustave Flaubert. Para isso, contamos com a colaboração de Mircea Eliade, que tece comentários sobre o tema sagrado e o profano.

Em um primeiro momento, vale destacar que a obra vincula de maneira espetacular, o social, o ideológico, o cultural e o religioso de uma sociedade em uma época específica, que é o século XIX. Acreditamos que *Madame Bovary* não seja um romance que explica ou que exemplifica, algo que lhe é externo. Ao contrário, o livro é voltado para si próprio, uma obra que se justifica, um romance feito de palavras que priorizam as palavras, em uma linguagem que remete a si própria. É uma escrita que se recusa a servir a algum propósito, que não seja a ela própria, na qual a forma ocupa o papel predominante, sendo considerada por Gengembre (1990, p. 112) como uma “[...] obra é forte, repleta de sensualidade, violenta e desesperada” que tem uma “moral mesquinha e repugnante”, em que o adultério é glorificado”.

Partindo desse pressuposto, é que surge a ousadia de lançar um olhar “diferente” e trazer à tona o tema do sagrado e do profano que perpassa as vivências da protagonista Emma, “Mulher de prática religiosa”, que se esforça por manter-se o máximo de tempo possível em um universo sagrado e, conseqüentemente, como se apresenta sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, em um mundo dessacralizado.

Quadro 1 – A representação do sagrado e do profano em alguns traços ou ações da personagem

CATEGORIA	SAGRADO	PROFANO
A personagem Emma (e sua) a relação com o sagrado	Família Cristã; participação das novenas; a vida no convento; casamento; prática de oração; participação dos sacramentos da comunhão e confissão;	Desinteresse pela religião após a saída do convento; Sentimento de raiva;
Emma Bovary contemplativa	Ilustrações dos livros sagrados; o fogo; as paisagens;	Queima do buquê do casamento; destruição de sua vontade;
Emma e a educação religiosa	Caráter de mulher educada; leitura de obras religiosas; Catedral de Rouen;	Faz das obras religiosas objeto de leitura romanesca; pensamento religioso racional;
Emma-religiosa, Emma – profana.	Experiência religiosa; prática orante; manuais de orações; desejo de permanecer na Igreja; o soar do sino;	Mistura de sentimentos; Adultério; Encontro com o amante na Igreja;

Ema e a experiência (ou transitoriedade pelo) do profano	Lado anjo; nostalgia do passado;	Infelicidade no casamento; traição; leitura dos romances;
Emma e o distanciamento da sacralidade da maternidade	Sacralidade da mulher; fecundidade feminina;	Rejeição e distanciamento da filha; a escolha do nome Berthe;
Emma, as leituras e a busca pelo centro do mundo	Desejo de felicidade; paz interior; Desejo de voltar para o convento; Desejo de conhecer e estar no centro do mundo;	Gosto exagerado pelo romantismo; leituras; fantasias e fetiches;

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Todas essas ações acontecem na narrativa de imediato, ou em curtos intervalos de tempo, o que permite Ema experimentar o desejo por uma vida feliz ou se deparar com seus sentimentos de frustração, este último mais aparente na obra como um todo, pela personagem não ter o total controle da própria vida. Assim, esse sentimento de frustração decorria em muitas situações porque Ema não era ou podia ser “autora de suas aventuras pessoais, em consonância com os ideais de autonomia e liberdade individual que a modernidade havia muito tempo oferecia aos homens” (KEHL, 2016, p. 83).

E assim, a relação entre o sagrado e o profano vai estabelecendo seus significados, como apresentamos na análise que segue.

1 A PERSONAGEM EMMA (E SUA) A RELAÇÃO COM O SAGRADO

Emma Rouault, personagem principal retratada na narrativa, filha de um agricultor, Sr. Rouault, vivia em Bertaux e foi criada de acordo com os moldes impostos pela sociedade às mulheres brancas, que deveriam se preparar para o matrimônio, ou seja, possuía, além de uma boa educação, dotes como costura e dança, entre outros atributos que estruturavam a figura feminina à época, o que a colocava em um sintagma social de “mulher esposável”.

O olhar lançado, aqui, sobre essa personagem é de muita relevância, pois suas vivências religiosas servirão como base para a discussão a respeito da evidência do sagrado e do profano, levando em consideração que suas atitudes rompem com os

moldes da sociedade do século XIX. Charles Bovary conheceu Emma quando foi chamado para atender o Sr. Rouault, pai da moça, que havia quebrado a perna. As características de Emma que chamaram a atenção de Charles foram os olhos, que “embora fossem castanhos, pareciam pretos, por causa dos cílios, e seu olhar atingia o interlocutor com franqueza e com uma cândida ousadia” (FLAUBERT, 2013, p. 25). As visitas de Charles sucedem-se e, na oportunidade que retorna à fazenda Bertaux, a fim de fazer o pedido de casamento ao Sr. Rouault, pai de Emma, estava acontecendo a festa de São Miguel, Festa de caráter religioso. “Na época da festa de São Miguel, Charles veio passar três dias em Bertaux. O último dia aconteceu como os demais” (FLAUBERT, 2013, p. 35). Era de costume, na época, toda família cristã participar das novenas, os nove dias de oração dedicado ao Santo Padroeiro.

Para o Sr. Rouault, era importante que a filha se casasse, já que uma mulher solteira se tornava estorvo para a família: “O casamento, ao contrário, enobrecia a mulher e abria-se como a única possibilidade de ascensão social, em um tempo em que não eram permitidas às mulheres atividades que possibilitassem sua promoção por esforço próprio” (FLAUBERT, 2013, p. 35). É possível observar que, mesmo antes do casamento, Emma possuía vontades não comuns às mulheres de sua época, por exemplo, quanto ao seu casamento, “Emma, pelo contrário, teria desejado casar-se à meia-noite, à luz de velas, mas o velho Rouault não compreendeu aquilo” (FLAUBERT, 2013, p. 34). Michiles explica a personagem Ema da seguinte forma

[...] jovem provinciana, sonhando com um grande amor, o dos romances. É uma figura dramática que passeia pela metalinguística, “vive” um romance imersa em outros romances. Vê-se e se sabe como personagem e para ela a vida a que foi destinada, não a satisfaz. (MICHILES, 2012, p. 4).

Logo após seu casamento, Emma começa a questionar sua nova realidade e a compará-la com os romances lidos: antes de casar-se, ela julgara ter amor; mas como a felicidade que deveria ter resultado daquele amor não viera, ela deveria ter-se enganado, pensava. E Emma procurava saber o que se entendia exatamente, na vida, pois sua identidade desde criança se moldava para o que a sociedade esperava dela.

Até o final do século XVII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a

capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos em que era solicitado (períodos perigosos da gravidez e da amamentação, tempos proibidos da quaresma ou das abstinências), sua frequência ou raridade: era sobretudo isso que estava saturado de prescrições. O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. (FOUCAULT, 1988, p. 37).

Desta forma, toda a vida de Ema a preparava para o momento do matrimônio, e desde o período que passou no convento, ela já sonhava com este romance idealizado e até mesmo “As comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de casamento eterno que se repetem nos sermões provocavam-lhe no fundo da alma doçuras inesperadas” (FLAUBERT, 2013, p. 43). Características que a definem como mulher romântica. Emma se indignava com o fato de o marido não ser diferente, não ser curioso, não ir além de, simplesmente, observá-la e admirá-la: “Mas ele nada ensinava, nada sabia, nada desejava. Julgava-a feliz e ela tinha-lhe raiva por aquela calma tão bem assentada, por aquele peso sereno, pela própria felicidade que ela lhe dava.” (FLAUBERT, 2013, p. 40).

Em seu imaginário, o espaço sagrado e a vida do convento, onde foi educada estavam sempre presentes, e chega a comparar o início de sua vida de casada com as experiências que tivera lá. Longe de se aborrecer no convento, durante os primeiros tempos ela divertiu-se na companhia das freiras, que, para entretê-la, “conduziam-na à capela, na qual se penetrava pelo refeitório, depois de um corredor comprido. Ela brincava muito pouco durante os recreios, compreendia bem o catequismo e era a primeira a responder às questões difíceis do senhor vigário” (FLAUBERT, 2013, p. 43).

O tempo em que passou no convento acrescentou à sua vida a prática da oração e o conhecimento sobre histórias sagradas. “À noite, antes da oração, faziam uma boa leitura religiosa na sala de estudos. Durante a semana, liam algum resumo de história sagrada ou as *conferências* do abade *Frayssinous*, e, nos domingos, passagens do *Gênio do cristianismo*”. (FLAUBERT, 2013, p. 43). E essa vivência vai se consolidando “todas as noites servia-se de um punhado de açúcar que comia sozinha, em sua cama depois de ter feito sua oração” (FLAUBERT, 2013, p. 66).

Emma esforçava-se para manter-se na atmosfera do sagrado e não se distanciava da oração.

Emma rezava, ou melhor, esforçava-se para rezar, esperando que alguma resolução súbita fosse descer-lhe do céu; e, para atrair o socorro divino, ela enchia seus olhos com os esplendores do tabernáculo, aspirava o perfume dos goivos brancos que desabrochavam nos grandes vasos e concentrava-se no silêncio da Igreja, que só fazia aumentar o tumulto de seu coração (FLAUBERT, 2013, p. 233).

Ao dar-se conta de sua transitoriedade pelo “profano”, considerando suas atitudes vacilantes, “Emma procurava todos os ensejos para agarrar-se à Virgem, às esculturas, aos túmulos” (FLAUBERT, 2013, p. 233). Buscava com frequência o sacramento da confissão e diálogo com o padre: “ela fixou no padre dois olhos suplicantes. Sim, ela disse – o senhor alivia todas as misérias. Não é dos remédios da terra que preciso” (FLAUBERT, 2013, p.113).

Contudo, vale destacar que Emma, depois de sair do convento, desinteressasse pela devoção (religiosa). Ao voltar para casa, ela não segue mais os ditos da igreja. É preciso esperar a crise mística do final da segunda parte do romance, para ela reencontrar algum interesse pelas coisas espirituais. A personagem procura a Igreja e o padre Bournisien para se reconfortar devido às decepções amorosas. Após a fuga de Rodolphe, Emma desespera-se e fica doente ao ponto de achar que vai morrer e pede a comunhão. O sacramento lhe dá alívio imediato, e para cultivar as delícias e prazeres que encontrou, ela ambiciona a santidade, desejando “verter aos pés do Cristo todas as lágrimas de um coração machucado pela existência”. Então, ela entregou-se a caridades excessivas” (FLAUBERT, 2013, p. 209). “Queria tornar-se uma santa. Comprou terços, usava amuleto; desejava ter em seu quarto, ao pé da cama, um relicário engastado de esmeraldas para beijá-lo todas as noites” (FLAUBERT, 2013, p. 208).

E, no desenrolar da narrativa, vamos encontrando vários elementos que elucidam muito bem essa relação de Emma com o sagrado, o que buscaremos descrever nos pontos que seguem.

2.1 Emma Bovary contemplativa

Emma também se dedica às práticas contemplativas, o que vai se perpetuando no decorrer de toda a obra: “Em vez de acompanhar a missa, contemplava em seu

livro as ilustrações religiosas bordejadas de azul, e adorava a ovelha doente, o Sagrado Coração trespassado de flechas agudas ou o pobre Jesus que tropeça em sua cruz” (FLAUBERT, 2013, p. 43). Dessa forma, a contemplação, experienciada por Emma, estabelece a relação do visível ao invisível aproximando-a do elemento divino e humano. A representação da ovelha doente, o Sagrado Coração de Jesus trespassado, como também a cruz, evidenciam a visão beatífica que ela tivera. Embora em meio às dores (na condição de ovelha doente-pecadora), deseja participar das alegrias e da luz eterna na companhia de Cristo.

No dia em que preparava a mudança para sair de Tostes, fazia arrumações na gaveta e espetou o dedo com um fio de ferro do buquê de casamento. “Jogou-o no fogo. Queimou mais rápido do que uma palha seca. Depois, parecia um arbusto vermelho sobre as cinzas que se consumia lentamente. Ela contemplava-o queimando” (FLAUBERT, 2013, p. 73).

O símbolo do fogo, na tradição cristã é, também, sinônimo da presença real de Deus. E o sujeito que crê sente que sua presença é constante; Deus é onipresente e onisciente, portanto, para sentir sua presença, basta ter consciência e saber que Ele é uma realidade e está presente em todo o momento. O arbusto que queima lentamente e é contemplado por Emma, reporta-nos à intertextualidade da narrativa bíblica da sarça ardente que Moisés contemplou no deserto. A sarça ardente é um arbusto descrito na passagem da Bíblia no livro do Êxodo, localizado no Monte Horeb, a personagem bíblica citada vive a experiência da transcendência, vendo nesse fenômeno a presença infinita do seu Deus que a acolhe mesmo em meio às suas dores. De acordo com a narrativa, o arbusto estava ardendo em chamas, lentamente, mas não era por elas consumido (ÊXODO 3:1–4:17).

Vimos que Emma queima um objeto significativo, que guardara como memória da cerimônia de seu casamento, de forma vingativa, mas o ato de contemplar a chama do fogo que é identificada por esse arbusto que se consome lentamente, evidencia as ocorrências que podem ser consideradas como manifestações do poder de Deus às curas interiores (superação de traumas do casamento, liberação de perdão pelo adultério cometido, a busca excessiva pela luxúria). Nessa medida, a vingança aparece como restauração do sagrado rompido. A permanência de Emma, diante desse “fogo que queima lentamente” representa a manifestação do sagrado individual

que se dá pela experiência contemplativa. O que nos faz considerar a caminhada existencial pessoal como a sarça ardente de Moisés, uma história que “arde” de uma presença divina que o ser humano não conseguirá jamais exaurir em sua insondável riqueza.

A representação do fogo nos reporta, também, ao ritual védico do altar de fogo consagrado a Agani (divindade hindu, conhecida como mensageiro dos deuses e para os deuses), do qual Mircea Eliade afirma que, tal rito representa à tomada de posse de um território: a posse torna-se legalmente válida pela ereção de um altar de fogo consagrado à divindade. “Diz-se que se está instalado num novo território quando se construiu um altar de fogo. E todos aqueles que constroem um altar do fogo estão legalmente estabelecidos” (ELIADE, 1992, p.21).

Pela ereção de um altar do fogo, Agni torna-se presente e a comunicação com o mundo dos deuses é assegurada. O espaço do altar torna-se um espaço sagrado. Mas, o significado do ritual é muito mais complexo e, quando nos damos conta de todas as suas articulações, compreendemos, por que a consagração de um território equivale à sua cosmização. O fogo é re-aceso todos os dias. Como requer a prática da contemplação. E, conseqüentemente, a elevação de um altar de fogo, para Emma, representa também o desejo e a única maneira de validar a posse em seu novo território, Tostes.

Tinha o hábito de abrir a janela todas as manhãs para estender o olhar ao horizonte, como também, dispensava este mesmo olhar, contemplativo, às paisagens durante seus passeios e encontros com o amante. Em diálogo com Leon, afirma que “não há nada mais admirável do que um pôr do sol - ela continuou - sobretudo à beira do mar”.

O mesmo vale para as paisagens de montanha na Suíça-não podemos imaginar a poesia dos lagos, o charme das cascatas, o efeito gigantesco das geleiras. Veem-se pinheiros de alturas inacreditáveis transversais às torrentes, cabanas suspensas... Esses espetáculos devem entusiasmar, dispor à oração, ao êxtase!” (FLAUBERT, 2013, p. 85).

É, pois, na estrita medida, que essas imagens constituem para Emma, enquanto sujeito contemplativo, o lugar e o meio de experiências imediatas do divino. Por um processo bem lógico, ela espera dessas coisas sagradas, que manifestam a seus olhos o divino, que elas exerçam uma influência sobre sua própria vida e que

elas aí introduzam a ordem, a consistência (o êxtase), a coesão daquilo que ela julga ser o real. Durante a viagem de Tostes a Yonville “Emma, silenciosa, contemplava o girar das rodas. Charles, sentado no outro canto do banco, dirigia com os dois braços separados, e o garrano trotava a furta-passos no varal que era logo demais para ele” (FLAUBERT, 2013, p. 61). Enfim, “Emma contemplava em si mesma a destruição de sua vontade, que devia proporcionar uma grande abertura às invasões da graça” (FLAUBERT, 2013, p. 208). Com isso, percebemos que o papel de todo o sistema religioso consiste precisamente em oferecer aos sujeitos os meios pelos quais o profano pode se tornar sagrado, em lhes ensinar a distinguir o puro do impuro e em reconhecer o que é investido de um poder divino. Sabemos que Mircea Eliade propôs chamar de hierofanias aquelas manifestações do sagrado. Mas essas manifestações, segundo Meslin, constituem de fato verdadeiras estruturas nas quais o sujeito toma consciência de um sagrado que ele descobre; imagens que sugerem qualidade de solidez, mobilidade, desenvolvimento, energia, iluminação, que ele encontra na ideia que ele tem de sagrado (MESLIN, 1992, p.81).

2.2 Emma e a educação religiosa

A educação de Emma é tema frequente nos estudos sobre o romance *Madame Bovary*. Ela foi educada em um convento de Rouen e essa experiência, além de marcá-la por toda vida, é fundamental para a construção de sua identidade. Suas ações, seus pensamentos, enfim, sua visão de mundo, foram construídos dentro do convento, onde recebeu uma esmerada educação religiosa. Dessa forma, seu caráter de mulher educada e/ou de mulher que recebeu educação superior a suas coetâneas, aparece nos vários artigos críticos⁵ sobre o romance e sobre sua personagem principal (MELLO, 2012).

Há várias passagens no romance que evidenciam que Emma recebeu a maioria dos sete sacramentos da Igreja Católica, a saber: o batismo (capítulo III, parte II), crisma e eucaristia (capítulo XIV, parte II), penitência (capítulo VI, parte I), Unção

⁵ Entre estes, *Madame Bovary: A desconstrução do eterno feminino na literatura francesa do século XIX*, de Luana Pantoja Medeiros; *Alexsandro Melo Medeiros*; *Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: ecos de ethos*, de Renata Aiala de Mello.

dos enfermos ou extrema-unção (capítulo VIII, parte III) e matrimônio (capítulo IV, parte I).

As bibliotecas a que Emma têm acesso são compostas de obras científicas, religiosas e literárias. Emma leu “Paul e Virginie⁶ e sonhou com a casinha de bambu, com o negro Domingo, com o cachorro Fiel, sobretudo com a doce amizade de algum bom irmãozinho” (FLAUBERT, 2013, p. 42). Leu, também, as conferências pregadas durante o império (1804-1815) e a Restauração (1815-1830), publicadas em 1825, com o título de defesa do cristianismo, as obras de François-René (1768-1848) que fazem apologias ao cristianismo em uma época em que a religião tinha sido abalada pelas ideias do século das luzes⁷ e pela Revolução Francesa (1789). (FLAUBERT, 2013, p. 43).

Desinteressando-se pela literatura médica, a personagem toma obras religiosas como objeto de leitura romanesca e vice-versa, ambas alimentando as fantasias e os devaneios da personagem. Como já dito, as leituras de Emma, evidentemente, fazem parte de sua educação e ajudam na construção de seu ser (fenomenológico) religioso. A educação da personagem, destacada inúmeras vezes no romance, é um bom exemplo do determinismo. O convento e as leituras são uma estruturação da experiência da infância e depois da adolescência. Vemos aqui uma mistura de misticismo e amor, que são criados a partir da nostalgia das confissões, do amante celestial: sensualismo e espiritualismo, os quais se misturam inextricavelmente. Se o convento é uma clausura, (espaço até então considerado sagrado) ele está deliciosamente “profanado”, por um mundo exterior sonhado, imaginado por Emma.

Propomos, aqui, um pequeno parêntese, para tratarmos de questões maiores que envolvem o caráter de Emma-religiosa. Por meio a crítica que Flaubert faz à Igreja e à Ciência, além da questão do julgamento por crime contra a religião, sabemos que o Estado, a Ciência, mais particularmente a Medicina, a Igreja, a Escola e a

⁶ De Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), discípulo de Rousseau, precursor do Romantismo. As suas viagens deram-lhe a inspiração de histórias e ensaios, expressando a ideia de que "a nossa felicidade consiste em viver de acordo com a natureza"

⁷ O Iluminismo, conhecido como século das luzes e ilustração, foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval. (RÉMOND 1815-1914).

Família são tidas, já no século XIX, e ainda hoje, como instituições que alicerçam a sociedade, ditam comportamentos, inculcam ideologias. A Medicina, por exemplo, considerou-se (e, ainda, se considera, acreditamos) como uma irmã da Religião, ambas a serviço da humanidade. Para Dord-Crouslé (apud MELLO, 2012), no século XIX, o saber médico junta-se ao saber religioso para condenar, execrar a literatura em geral e, mais especificamente, o romance, que representa, para eles, um perigo tanto físico quanto moral.

Esse paralelo entre o saber médico e o religioso pode ser constatado, também, em uma passagem do romance de Flaubert, quando o padre Bournisien se compara a Charles Bovary quanto às suas missões e de resto dizia o boticário:

Ah, sr. Bovary, encontrará inúmeros preconceitos a serem combatidos; diversas teimosias da rotina, com as quais esbarrarão cotidianamente todos os esforços de sua ciência; pois as pessoas aqui ainda apelam às novenas, às relíquias, ao padre, antes de irem naturalmente ao médico ou ao farmacêutico (FLAUBERT, 2013, p.84).

Ironicamente, Flaubert une Medicina e Religião como duas instituições incapazes de solucionar os problemas de Emma, conseqüentemente, os problemas existenciais do homem, a busca pela felicidade e ou a liberdade de sua existência histórica, que sofre possíveis mudanças comportamentais desde o século XVIII, com a ideia iluminista que atesta a superação da religião institucional e o pensamento não religioso e racional como um progresso que faria crescer a ciência e a medicina. E, como sabemos, nesse contexto histórico, muitos liberais e filósofos chegaram a proclamar a “morte de Deus” e o fim das Igrejas, como mencionado pelo historiador Rémond. Acreditamos que tais fatos influenciam na afirmação ou reafirmação da identidade do sujeito em busca da sua liberdade.

Para Eliade (1992b), a "liberdade" que a existência histórica implica seria possível, no entanto, dentro de determinados limites no princípio do período moderno, mas a tendência que demonstra é de tornar-se inacessível, ao mesmo tempo em que o período vai-se tornando mais histórico, ou, em outras palavras, mais alheio a qualquer modelo trans-histórico. Parece-nos que, desse modo, tanto para Flaubert, quanto para Emma, a Ciência e a Religião chegam até mesmo a distorcer a visão do real. Vemos que Emma recorre a essas instituições pilares da sociedade, mas não obtém sucesso em nenhuma delas. Dito de outra maneira, a Escola, a Família, a

Igreja, e a Ciência, não aliviam totalmente seu sofrimento, não lhe trazem a total felicidade, conforto e paz espiritual - o que a leva a praticar quatro vezes crimes contra a religião, a Igreja e o sagrado. Três vezes por adultério e uma por suicídio.

Podemos perceber, assim, que Emma, ao buscar ajuda mística, o faz através de novos consumos e de novos prazeres. Ao se recolher na igreja, Emma vê a catedral como um imenso boudoir, cheio de prazeres celestiais e de luxo abundante. Dessa forma, delineamos, mais uma identidade da personagem: Emma-religiosa.

2.3 Emma-religiosa, Emma – profana

A mistura de sentimentos, profanos e sagrados, por parte de Emma, é descrita em diversas passagens do romance. “As comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de consórcio eterno, que constantemente aparecem nos sermões, suscitavam-lhe no íntimo da alma, inesperadas doçuras” (FLAUBERT, 2013, 43). Por meio desse sentimento, Emma vai estreitando os laços de sua experiência religiosa, onde Cristo também é idealizado como o amante eterno de sua alma. Isso está vinculado, novamente, às experiências orantes que tivera no convento, onde a ideia de felicidade e toda consolação humana era assim apresentada nos manuais de orações, tais como, um dos mais antigos, de Tomás de Kempis (1380-1471), intitulado de *l’Imitation de Jésus-Christ* (KEMPIS, 2015). As orações apresentadas neste manual insistem que a alma devota deve aspirar, de todo coração, à união com Cristo com uma relação de esposo da alma, assim como é apresentada no livro do Cântico dos Cânticos: “vós sois na verdade meu amado, meu escolhido entre milhares. Quem me dera, Senhor, achar-me só convosco” (Ct,5,10). E essa mesma declaração amorosa é transferida para a relação de seus amantes.

Um dos encontros com seu amante, Leon, se deu na Igreja.

E a Igreja, como uma gigantesca alcova, disporia-se em torno dela; as abóbadas inclinaram-se para recolher na sombra a confissão de seu amor; os vitrais resplandeceriam para iluminar seu rosto e os incensórios queimariam para que ela aparecesse como um anjo, no vapor dos perfumes (FLAUBERT, 2013, p.233).

Quando Emma entrou na Igreja, o rapaz a esperava de mão estendida “e bruscamente ela retirou sua mão, para entrar na capela da Virgem, onde, ajoelhando-

se contra uma cadeira pôs-se a rezar” (FLAUBERT, 2013, p. 233). “O rapaz ficou irritado com aquela fantasia beata; depois, todavia, experimentou certa sedução ao vê-la, em pleno encontro, perdida em orações como uma marquesa andaluza; em seguida, não demorou a impacientar-se, pois ela não terminava nunca” (FLAUBERT, 2013, p. 233).

Na saída da Igreja, o guarda disse: “a senhora sem dúvida não é daqui. Gostaria de ver as curiosidades da Igreja?” (FLAUBERT, 2013, p.233). e os conduziu até a entrada da praça, mostrando-lhes com sua bengala um grande círculo de lajes pretas, sem inscrições nem relevo e disse majestosamente: “Eis a circunferência do belo sino de Amboise⁸. Pesava quarenta mil libras. Não há outro como esse em toda Europa. O operário que o fundiu morreu de alegria...” (FLAUBERT, 2013, p.233). As informações sobre o sino dão a entender que o operário que o fundiu morre de alegria por sentir-se realizado diante da obra sagrada que realizara. A representatividade dos sinos na Igreja Católica e Ortodoxa é de referência sagrada. O som dos sinos penetra os ouvidos e atinge a alma das pessoas. O repicar sonoro convida o sujeito religioso a estar na presença de Deus repleto de alegria (SI 150).

As características que são dadas ao sino, uma vez mais, despertam em Emma curiosidade e desejo de permanecer por mais tempo no espaço sagrado (o que pode representar para ela a oportunidade de permanência no Centro do Mundo).

No entanto, não pode continuar o passeio pela Igreja, pois o amante a puxou pelo braço forçando a sua saída da Igreja de forma imediata: “pelo menos saiam pelo portão do norte! – gritou-lhes o guarda! - Para ver *A Ressureição, O julgamento final, O paraíso, O Rei David e Os Condenados no fogo do inferno*” (FLAUBERT, 2013, p. 236). Emma segue o caminho na carruagem, quase chorando de tristeza, pois, certamente, desejou ver esses ícones, citados pelo guarda, que para o catolicismo ocupam um lugar central no que diz respeito à literatura bíblica e principais temas ligados à fé cristã. Como podemos encontrar nas narrativas dos Evangelhos; sobre a

⁸ Sino de Amboise – “famoso sino de Georges d'Amboise de Rouen, teve o primeiro d'estes destinos "naquella epocha tormentosa, em que a religião do estado era a guerra”. O instituto - Jornal científico e literário (1856). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=YFExAQAAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR> acesso em 08.05.19.

ressureição – Mt 28,1-10; Mc16,1-8; Lc 24, 1-12; Jo 20,1-10. Paraíso e Julgamento final - Mt 25,31-46.

Em meio a esse sentimento de tristeza, de não ter permanecido no espaço sagrado da catedral por mais tempo, apropriando-se das explicações que lhes pareciam interessantes

[...] em um dado momento, no meio dia, em pleno campo, na hora em que o sol mais brilhava contra as velhas lanternas prateadas, uma mão nua passou sob as cortininhas de tecido amarelo e lançou pedaços de papel que se dispersaram ao vento e foram cair longe, como borboletas brancas em um campo florido de trevos vermelhos. Depois, pelas seis da tarde, o veículo parou em uma ruela do bairro Beauvoisine e uma mulher desceu, caminhando com o véu abaixado, sem virar a cabeça (FLAUBERT, 2013, p. 237).

As pessoas achavam estranho e “arregalavam os olhos, espantadas diante daquela coisa tão extraordinária na província: uma carruagem com as cortinas fechadas do que um túmulo e bamboleando como um navio” (FLAUBERT, 2013, p. 237). É uma das cenas do romance em que encontramos a crítica que diz que o autor sofreu um processo no Tribunal de Paris, por ofender à moral pública e religiosa. Aqui, poderíamos dizer que encontramos a identidade de Emma profana, e não apenas ela, mas a temática do adultério tratado de forma realista, mas que causou admiração como reprovação.

2.4 Emma e a experiência (ou transitoriedade pelo) do profano

Infeliz no casamento, Emma procura uma saída para suas decepções matrimoniais. Ela acredita que o adultério pode lhe proporcionar prazer, gozo, tudo aquilo que ela não encontrou com/em Charles. O desejo de trair Charles nasce de sua “[...] frustração matrimonial, e esta frustração é principalmente erótica” (LLOSA, 1979, p. 24). A personagem que, como já dito, não é livre na condição de mulher, tampouco enquanto burguesa, vê, no adultério, sua única solução, o caminho para a felicidade. E foi no primeiro passeio a cavalo com Rodolphe que Emma traiu Charles. Durante a noite, quando pensou em sua atitude, Emma lembrou então, das heroínas dos livros que lera e a legião lírica daquelas mulheres adúlteras e pôs-se a cantar em sua memória com as vozes das irmãs que a encantavam. Ela mesma tornava-se parte real daquelas imagens e realizava o longo devaneio de sua juventude, vendo-se como

aquele tipo de amante que tanto desejara ser. Aliás, Emma sentia uma satisfação vingativa. Não sofrera suficientemente? Porém triunfava agora e o amor, por tanto tempo contido, jorrava inteiro com alegre agitação. “Ela o saboreava sem remorsos, sem inquietações, sem perturbações e “repetia para si: tenho um amante! Um amante! Deleitando-se com essa ideia como se fosse uma nova puberdade que estivesse lhe acontecendo” (FLAUBERT, 2013, p.160).

Dos amores idealizados, místicos, sublimados e insatisfatórios dos romances românticos, Emma busca os amores terrestres, menos românticos, carnavais; entretanto, não menos estéreis, impossíveis, frustrantes, decepcionantes e alienantes. Emma, decepcionada, procura um segundo amante.

Léon, apesar de estar ciente de que Emma era casada, o que ele via nela eram as qualidades das mulheres “esposáveis”, em especial seu lado “anjo”. Ela, porém, sentia mais e mais a necessidade de mentir a partir “daquele momento, sua existência não foi mais do que uma coleção de mentiras, em que ela envolvia seu amor como que em véus, para escondê-lo” (FLAUBERT, 2013, p. 236). O lado “anjo” aqui mencionado opõe-se à ideia de profano. Veremos que, tanto Léon quanto Rodolphe, seguem um projeto paralelo e parecido: sedução, prazer, monotonia, desgaste e desilusão, que Emma tenta compensar com possessividade e consumo. Léon representa para Emma o mundo da literatura, dos teatros e dos concertos. O que, até então, era considerado profano na época. Isso se evidencia quando se lê no romance:

Emma, sujou suas mãos com a poeira dos velhos gabinetes de leitura. Com Walter Scott⁹, mais tarde, encantou-se com as coisas históricas, sonhou com arcas, sala de guardas e menestréis, teria apreciado viver em algum velho solar. Passava seus dias esperando vir do fundo do campo um cavaleiro com uma pluma branca galopando sobre um cavalo negro (FLAUBERT, 2013, p. 237).

Quando se acompanha o diálogo do farmacêutico com o padre:

- Bem sei - objetou o padre - que existem boas obras, bons autores; no entanto, aquelas pessoas diferentes, de sexos diferentes reunidas em um apartamento encantador ornado de pompas mundanas, e além do mais, aqueles disfarces pagãos, aquelas maquiagens, aqueles candelabros, aquelas vozes afeminadas, tudo aquilo só pode acabar por engendrar certas

⁹ Romancista escocês (1771-1832). Conhecido como inventor do romance histórico, escreveu entre outros: *The Lordy of the Lake* (1910), *Waverley* (1814), *Ivanhoé* (1819). (N.T).

libertinagens de espírito e resultar em pensamentos desonestos, tentações impuras. Tal é, pelo menos, a opinião de todos os padres. Enfim – acrescentou, adquirindo subitamente um tom místico, se a igreja condenou os espetáculos, é porque tinha razão; precisamos nos submeter aos seus decretos (FLAUBERT, 2013, p. 212).

E quando Charles diz que a esposa já se ocupa disso, a mãe Bovary responde: “Ah! ela se ocupa! Em quê? Em ler romances, maus livros, obras que são contra a religião e nas quais se zomba dos padres com palavras tiradas de Voltaire. Mas tudo isso vai longe, meu pobre filho, e quem não tem religião acaba sempre mal” (FLAUBERT, 2013, p.123).

No início, tudo era como Emma desejava e ela se entregava totalmente a seu amante. “Que expansão, na quinta-feira seguinte, no hotel, no quarto, com Léon! Ela riu, chorou, cantou, dançou, mandou buscar sorvetes, quis fumar charutos, pareceu-lhe extravagante, mas adorável, soberba” (FLAUBERT, 2013, p.123).

O adultério, principalmente o feminino, era um grande tabu na época, e a relação sexual fora do casamento pode ser considerada um ato profano. No entanto, Emma transparece a busca pela liberdade pessoal, a fuga de paradigmas religiosos e imposições culturais. Após a prática do adultério, a consciência de Emma não a deixa sustentar por muito tempo a sensação de sua felicidade e

O dia seguinte foi fúnebre para Emma. Tudo lhe pareceu envolvido em uma atmosfera negra que flutuava confusamente sobre o exterior das coisas, e o desgosto engolfava-se em sua alma com doces urros, como o vento de inverno faz nos castelos abandonado. Era como aqueles devaneios que temos em relação às coisas que não voltarão mais, a lassidão que toma conta de nós depois de cada fato realizado, aquela dor, enfim, que provoca a interrupção de qualquer movimento habitual, o cessar brusco de uma vibração prolongada (FLAUBERT, 2013, p. 123).

E o seu pensamento volta perdidamente para o badalar repetido dos sinos, e suas velhas lembranças de juventude e de pensionato.

Lembrava-se dos grandes candelabros que, no altar, ultrapassavam os vasos de flores e sacrário de colunetas. Teria gostado de estar, como outrora, perdida na longa linha de véus brancos, marcados aqui e ali de preto pelos capuzes rígidos das freiras inclinadas sobre o genuflexório; no domingo, na missa. E foi inconscientemente que ela se dirigiu à Igreja, disposta a qualquer devoção, desde que pudesse mergulhar sua alma e que a existência inteira desaparecesse (FLAUBERT, 2013, p.112).

Desejou livrar-se de suas fantasias, disse a Leon que era preciso retornar. Ficou a sós no hotel. “Tudo, mas sobretudo ela própria, era-lhe insuportável. Gostaria,

escapando dali como um pássaro, de ir rejuvenescer em um lugar bem longe, nos espaços imaculados” (FLAUBERT, 2013, p. 280). Essa trama vivenciada por Emma Bovary leva-nos ao encontro do pensamento de Eliade (1992a), quando diz que o homem busca em seus sonhos e visões o vislumbre do desenho de um templo que contemple a geometria celeste, ou seja, de uma forma do céu, local em que reina a felicidade e a harmonia, o completo bem-estar, o paraíso: lugar agradável, prazeroso, de expressão arquitetônica e sacra, onde está a ideia mirabolante de um desenho de Templo, a casa habitada pelo deus e o contraste existente entre a pessoa e sua forma de habitar esse espaço.

2.5 Emma e o distanciamento da sacralidade da maternidade

Do ponto de vista de Eliade, a mulher relaciona-se, misticamente com a Terra; o ato de dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica, considerada sagrada. Todas as experiências religiosas relacionadas à fecundidade e ao nascimento têm uma estrutura cósmica e sagrada, pois “A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um Modelo cósmico: o da Terra Mater, da Mãe universal” (ELIADE, 1992a, p.71). Embora Emma traga consigo as marcas de experiências religiosas que perpassam seu mundo interior, ela distancia-se e rejeita a sacralidade do ser mãe. “Primeiramente sentiu um grande espanto; a seguir teve vontade de libertar-se para saber o que era ser mãe” (FLAUBERT, 2013, p. 91).

A menina Berthe, desde o nascimento, passa a ser um peso na vida de Emma. A criança está sempre doente, com cólicas e tosse incessante, tem dificuldades de aprendizagem e chora sem parar. O distanciamento da filha leva Emma a não reconhecê-la, a vê-la como estranha e estrangeira; o estranhamento é causado pela feiura da criança. Emma não amamenta sua filha, outra mulher o faz em seu lugar. O simples fato de ir até a casa da ama de leite para visitar a filha é, para Emma, um sacrifício, já que “para chegar à casa da ama de leite, foi preciso, ao final da rua, virar à esquerda, como se fossem ao cemitério, e seguir, por entre casinhas e o riacho, um pequeno caminho ladeado de alfenas” (FLAUBERT, 2013, p. 95).

Emma visita sua filha como se fosse visitar mortos. Ao chegar na casa da Senhora Roulet, há um pequeno acidente que, para as mães em geral, seria algo corriqueiro, mas, para Emma, representa algo mais que desagradável, quase insuportável. Quando Berthe vomita no colarinho da mãe, isso causa uma reação imediata de vergonha e rejeição. “A seguir ela pôs a pequena de volta no berço. Ela acabara de vomitar em seu bafeiro. A ama de leite veio logo secá-la, garantindo que não dava para ver” (FLAUBERT, 2013, p. 96). A mãe constata que a criança, além de feia e estranha, é suja.

A própria escolha do nome “Berthe” assinala a especificidade do (des)vínculo da relação mãe-filha. O nome é dado em memória de sua noite no castelo de Vaubyessard onde “ouvira a marquesa chamar uma moça de Berthe” (FLAUBERT, 2013, p. 93). O nome e a própria filha representariam, assim, apenas o veículo das aspirações de Emma, intermediários que incorporam suas fantasias profanas. Berthe é vista, assim, como um aborto, como uma personagem que permanece em estado embrionário. Emma, também, preocupou-se ao ponto de se perguntar se sua filha não era uma estranha. “Que coisa estranha, como é feia esta criança”? (FLAUBERT, 2013, p. 96).

Durante a gravidez, começou a pensar em como seria bom ter um filho homem.

Um homem ao menos é livre; pode percorrer paixões e os países, atravessar os obstáculos, e ir atrás das alegrias mais distintas. Mas uma mulher é continuamente impedida. Ao mesmo tempo inerte e flexível, a mulher tem a seu desfavor as fraquezas da carne e as dependências da lei. Sua vontade, como o véu do chapéu retido por uma fita, palpita ao sabor de todos os ventos; sempre há algum desejo que arrasta, alguma conveniência que retém (FLAUBERT, 2007, p. 92).

E desse desejo de ser livre, percorrer paixões e os países, vencer obstáculos e ir atrás das alegrias mais distintas, surge a inquietação de estar no centro do mundo, isso decorre muito do jeito de ser, da identidade da personagem, pois, conforme Sennett, “A espontaneidade da personalidade, no entanto, coloca-se em oposição à convenção social, e faz com que espíritos livres sintam-se como divergentes” (1998, p. 193). Para Mircea Eliade, o desejo do homem de viver no centro equivale, de fato, ao seu desejo de ser e de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver em um mundo real e eficiente – e não em uma ilusão (ELIADE, 1992a, p. 21). E percebemos,

na narrativa, que é após o nascimento de Berthe e da chegada em Tostes, ao imaginar o amante em Paris, que aumenta em Emma o desejo de conhecer a “grande” cidade centro. Chegava a repetir em suas fantasias: “que nome extraordinário! Repetia-o em meia voz para si mesma. Para sentir prazer; soava a seus ouvidos como um sino de uma catedral, reluzia a seus olhos e até mesmo nas etiquetas de seus potes de pomada” (FLAUBERT, 2013, p. 64). Se analisamos o ponto de vista do autor, o desejo do homem de estar nas grandes cidades, como no templo, equivale ao seu situar de forma objetiva na realidade.

E esse situar na realidade é moldado pelo seu comportamento em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do sujeito religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado. É por essa razão que se elaboraram técnicas de orientação, que são, propriamente falando, técnicas de construção do espaço sagrado. Mas não devemos acreditar que se trata de um trabalho humano, que é graças ao seu esforço que o homem consegue consagrar um espaço. Na realidade, o ritual pelo qual o sujeito constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz na sua realidade concreta a experiência que fizera de forma subjetiva na sua relação com a obra dos deuses.

A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso ampliar a concepção tradicional do “mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”. Como esclarece Mircea Eliade: O “Mundo” (quer dizer, “o nosso mundo”) é um universo no interior do qual o sagrado já se manifestou e onde, por consequência, a rotura dos níveis tornou-se possível e se pode repetir” (ELIADE, 1992a, p. 21). E vimos que, no final da narrativa, Emma retoma seu comportamento em relação à filha. Passa a pensar e deseja estar perto dela. “Ela reanimou-se e passou a pensar em Berthe” (FLAUBERT, 2013,), embora a tenha rejeitado e deixado de executar os cuidados que caberia à uma boa mãe aqui ela se encontra com o seu “mundo” e sua realidade objetiva, sem negar a condição de sujeito no mundo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho, dada a quantidade de análises que podem ser feitas na obra *Madame Bovary* desde a personagem Emma, consideramos que os objetivos foram alcançados; no entanto, fica a ideia de que a temática não foi esgotada.

A personagem e suas angústias, suas pretensões de liberdade, felicidade e transição entre o tempo profano e sagrado, através de Gustave Flaubert, transmitiram perfeitamente o sujeito que busca fazer-se a si próprio e este só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. Não porque a indústria era incompatível com a religião ou porque a cidade fosse mais imoral, como erradamente possa ter sido imaginado, mas porque essas realidades concretas modificaram seu comportamento, e como cita Eliade, “o sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade”

Na verdade, é apenas pela pressuposição da existência de Deus que o sujeito, por outro lado, conquista a liberdade (que lhe proporciona autonomia em um Universo governado por leis, ou, em outras palavras, a "inauguração" de um modo de ser que é novo e único no Universo) e, por outro lado, a certeza de que as tragédias históricas têm um significado trans-histórico, mesmo que esse significado nem sempre seja visível para a humanidade em sua condição presente. Qualquer outra situação do homem moderno leva, no fim, ao desespero. É um desespero provocado não por seu próprio existencialismo humano, mas por sua presença em um Universo histórico, em que quase toda a humanidade vive tomada de um terror contínuo (ainda que não tenha consciência dele), conforme nos foi dito por Eliade.

Vimos que tudo, ou quase tudo, na obra de Flaubert, é dado de imediato, ou em curtos intervalos de tempo, o que permite à protagonista experimentar seus anseios pela felicidade ou se deparar com seus sentimentos de frustração, o que a faz retornar com frequência às lembranças do tempo passado.

Considerando a forte influência da Igreja na decisão do papel da mulher na sociedade daquela época, constata-se que as atitudes de Emma Bovary trazem consigo valores e vivências religiosas que a fazem transitar do espaço sagrado ao profano, muitas vezes, como uma oposição entre o real e irreal ou pseudorreal,

constituindo, assim, a dessacralização de sua consciência virtuosa, movida pelo sonho da busca pela felicidade.

Assim, o desejo de Emma, enquanto sujeito religioso, de viver no sagrado, equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver em um mundo real e eficiente – e não em uma ilusão, mesmo que suas atitudes sejam desenroladas ora em momentos que recusa a sacralidade do mundo e assume uma existência “profana”, ora em busca de toda pressuposição da existência “sagrada”, ou seja, da sacralidade religiosa. A experiência religiosa consiste, pois, em conhecer a própria vida no sentimento imediato deste ser infinito e eterno a partir das práticas religiosas de cada sujeito.

Vimos que Emma busca a religião para curar seu amor, para encontrar conforto para suas decepções, mas também, e, sobretudo, pelo seu luxo, pelo luxo da ostentosa catedral de Rouen e pelo prazer que as aquisições materiais lhe proporcionam. O consumo de bens religiosos oferece à personagem grande satisfação somente por um tempo. Não se satisfazendo com o consumo daquilo que o religioso lhe oferece, Emma entra em um novo ciclo de consumo, onde as insatisfações sentimentais e sexuais serão, acredita ela, compensadas. O prazer, porém, continuará muito fugaz. Logo lhe surge uma inquietação que a leva a consumir cada vez mais (o que evidencia também a crítica do autor à sociedade burguesa).

O homem, sujeito de sua história, não pode abolir seu passado. Sua vida continuará sendo invadida por uma operação que se constituirá como uma perseguição das realidades do seu passado. E isso se dá também com relação a sua postura ao mundo do sagrado ou do profano. Como foi visto, o filósofo Gilles Lipovetsky (2005) afirma que os valores e as crenças de um povo não desaparecem ao longo da história, transformam-se.

E, nos situando no contexto do século XIX, e com base nas reflexões de Rémond, poderíamos dizer que o pensamento religioso, como o socialista, parece indicar um homem insuficiente, um sujeito que é fruto de forças maiores do que ele ou anteriores a ele. E os liberais parecem acreditar em um homem poderoso que decide e faz o que deseja. Então, de Emma, Bovary, como sujeitos históricos, todos nós somos um pouco.

REFERÊNCIAS

- ELIADE, Mircea, 1986 a. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.
- ELIADE, Mircea, 1986 b. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992b.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução: Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS:L&PM, 2013.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. 1: A vontade de saber/ Michel Foucault: tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque, - 13ª ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.**
- GENGEMBRE, G. **Gustave Flaubert: Madame Bovary**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade – 2. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.**
- LIPOVETSKY, Gilles, 1944. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Tradução Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2005.
- LLOSA, Mario Vargas. **A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary**. Trad.: Remy Gorga. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- MELLO, Renata Aiala. **Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: ecos de ethos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2012.
- MESLIN Michel, 1988. **A experiência humana do divino**. Fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis: VOZES, 1992.
- MICHILES, Haroldo Cesar. **Sombra e feminismo em Madame Bovary**. IJUSP-Instituto Junguiano de São Paulo. Curso de Especialização em psicoterapia Junguiana. Brasília, 2012.
- MINAYO, M.C.S. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S. & DESLANDES, S.F. (org.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p.83-107.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade/ Richard Sennett; tradução Lygia Araújo Watanabe. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WINTER, G. (org.) **Gustave Flaubert: Écrire Madame Bovary: Lettres, pages manuscrites, extraits**. Paris: Gallimard, 2009.

Recebido em 17/05/2023

Versão corrigida recebida em 30/09/2023

Aceito em 01/11/2023

Publicado online em 13/12/2023